



Foto: CPB

Atletismo Adaptado



MINISTÉRIO DO
ESPORTE



Entenda

O atletismo adaptado é regulamentado pelo *International Paralympic Committee* (IPC) e coordenado pelo comitê técnico esportivo do IPC *Athletics*. Além de ser a modalidade paralímpica com maior número de praticantes, destina-se aos paratletas com quaisquer tipos de deficiências – física, visual, cognitiva. Quase todas as provas do esporte olímpico também existem no paradesporto. As provas de pista são as seguintes: corridas de velocidade (100 m, 200 m e 400 m), corridas de meio-fundo (800 m e 1.500 m), corridas de fundo (5.000 m e 10.000 m) e revezamentos (4x100 m e 4x400 m). Os eventos de campo são: salto em altura, salto em distância, salto triplo, lançamento de disco, arremesso de peso e dardo. Existem ainda a maratona (prova de estrada) e o pentatlon (prova combinada). Estão ausentes das paralimpíadas os eventos de corrida com barreiras, salto com vara, marcha atlética e lançamento de martelo.

A classificação dos paratletas baseia-se nas suas capacidades funcionais. São realizados testes de coordenação, força e função do indivíduo e avaliam-se as potencialidades, as sequelas e os músculos não comprometidos. A nomenclatura das classes é determinada por uma letra inicial – F para eventos de campo e T para pista – mais um número referente ao comprometimento do competidor. Entre 11 e 13 estão os deficientes visuais; 20 são os deficientes cognitivos; do 31 ao 38, paralisados cerebrais (31 a 34 cadeirantes, 35 a 38 ambulantes); 40, anões; 41 a 46, amputados e *les autres*; e 51 a 58, cadeirantes.

Uma especificidade da modalidade adaptada decorre da necessidade em avaliar o grau de deficiência para computar uma pontuação justa a cada paratleta. Em provas de lançamentos, nem sempre o vencedor é aquele que lançou mais longe o aparato. Para pontuação, os árbitros analisam a distância, bem como o grau de deficiência do atleta. Ao final de todos os lançamentos, vence aquele que obteve a maior pontuação. Já nas provas de pista, como no atletismo convencional, o vencedor é sempre aquele que alcança antes a linha de chegada.

Em relação às adaptações, é possível mudanças nos aparelhos utilizados, como nos dardos e nos discos, por exemplo. Aos amputados é permitido o uso de próteses, sendo obrigatórias em pista e facultativas em campo. As cadeiras de rodas podem ser utilizadas tanto em provas de campo como de pista e são bem leves. Os deficientes visuais da classe B1 devem estar acompanhados por um guia (conectados por uma amarra) que irá apenas direcioná-los durante a prova. Aos atletas B2 o guia é opcional, mas há necessariamente o uso de duas raias nas provas de pista. Aparelhos auditivos também são permitidos.

O atletismo paralímpico é um paradesporto que promove a superação diária de seus atletas. Exige perseverança, comprometimento, disciplina, além de capacidades físicas como força e resistência. Desenvolve também estas mesmas capacidades, além de melhorar a autoestima, a independência, a socialização e a promoção de bem estar e qualidade de vida.

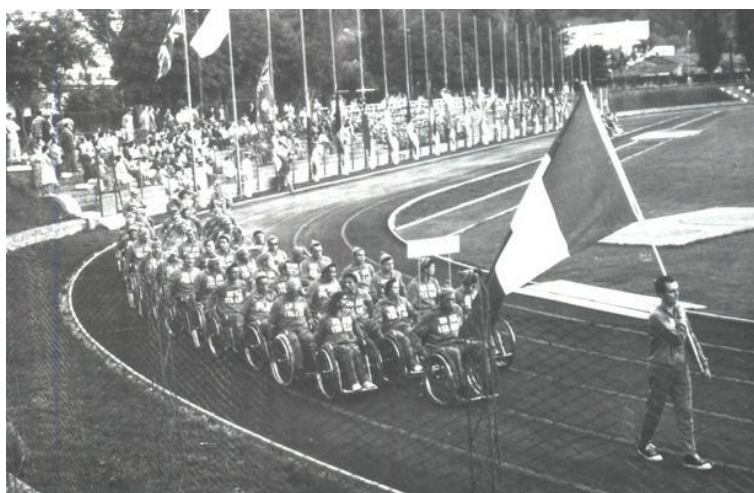
História mundial

Pode-se considerar o atletismo como o esporte organizado mais antigo do mundo. Isto porque seus movimentos básicos: correr, saltar, lançar e arremessar já eram necessários aos seres humanos para que pudessem sobreviver da caça, coleta e fugir de possíveis predadores. Desta forma, a partir dessas ações, tornou-se inevitável transformá-las em práticas de lazer e competitivas. Existem indícios de que no Egito, há mais de quatro mil anos a modalidade surgiu. Mas fato comprovado é que na Grécia Antiga, ocorriam competições de corridas de velocidade e de saltos e sabe-se que nos primeiros Jogos Olímpicos da Antiguidade (776 a.C.) essas disputas se fizeram presentes. Porém ainda não se tratava do esporte atletismo. Este surgiu na idade contemporânea, na Inglaterra do século XIX e o primeiro campeonato britânico realizou-se em 1866. Dois anos depois, o novo esporte chegou aos Estados Unidos da América

(EUA) e a partir disso ocorreu um significativo aumento de adeptos. Em poucas décadas, o esporte foi divulgado para o resto do mundo. Por isto, foi possível a sua presença já nos primeiros Jogos Olímpicos da modernidade, em Atenas (1896). Pouco depois desta participação, houve a criação da Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF), em 1913, que é, até o momento, a instituição responsável pela normatização e regulamentação desse esporte olímpico.

Já a prática adaptada começou no início do século XX, mais especificamente na década de 1920, para deficientes visuais, junto com a natação. Os deficientes físicos puderam participar desse paradesporto somente após a Segunda Guerra Mundial, quando os esportes adaptados, em geral, tornaram-se possibilidade de reabilitação para os ex-combatentes que ficaram com sequelas em decorrência do evento. No final da década de 1940 foram realizadas competições de várias modalidades, concretizadas pelo médico Ludwig Guttman. Em 1952, nos Jogos de Stoke Mandeville, aconteceu uma competição de corridas em cadeiras de rodas para veteranos de guerra. Depois desse evento, e com o surgimento dos Jogos Paralímpicos, em 1960, o atletismo adaptado já foi inserido nesta primeira edição, em Roma, junto com mais sete modalidades.

Trajatória paralímpica



Cerimônia de abertura dos Jogos Paraolímpicos de Roma (1960). Disponível em: <admin.brasil2016.gov.br>

Como afirmado, a primeira edição dos Jogos Paralímpicos foi em Roma (1960). Os Jogos foram realizados no mesmo local do evento Olímpico. As 23 nações foram representadas por 400 paratletas em oito modalidades exclusivas para atletas com lesão medular. Entre elas estava o atletismo, porém somente com provas de lançamentos e arremessos.

Nesta edição, dez países foram representados por 21 homens e dez mulheres. Foram entregues 25 medalhas de ouro, das quais 12 conquistadas pelos “donos da casa”, os italianos. Apesar da superioridade numérica

dos homens no evento, quem fez história foi a italiana Maria Scutti, que das 12 medalhas de ouros conquistadas pela Itália, obteve nove, além de dois bronzes. No mesmo evento Scutti competiu também na natação, conquistando uma medalha de ouro e uma de prata; se não bastasse, ela também disputou os Jogos nas modalidades esgrima e tênis de mesa, conquistando a medalha de prata em ambas. Maria deixou seu nome marcado, assim, nos Jogos Paralímpicos de Roma, conquistando 15 medalhas em quatro modalidades esportivas diferentes.

Em Tóquio (1964) foi o início das conquistas da maior potência do atletismo paralímpico, Os EUA. Os norte-americanos conquistaram 48 medalhas das 124 distribuídas e iniciaram uma hegemonia que durou até os Jogos de Atlanta (1996), onde o país conquistou o primeiro lugar geral pela última vez. O atleta destaque dos Jogos de 1964 foi Ron Stein, que disputou seis provas de lançamento e venceu todas elas. A até então campeã, Itália, ficou em segundo lugar, seguida pela África do Sul. A Itália, que foi muito importante no início do atletismo paralímpico, não figurou mais entre os primeiros do mundo. Em Tel Aviv, em 1968, os EUA se mantiveram no topo e o segundo lugar foi ocupado pelos anfitriões, os israelenses. Vale destacar um nome, Ed Owen, que conquistou para os EUA, quatro medalhas de ouro e uma de bronze em provas de lançamentos, além de dois ouros na natação e uma prata no basquete em cadeira de rodas.

Em 1972, na Alemanha, os Jogos não puderam ocorrer em Munique onde foram realizados os Jogos Olímpicos, pois a cidade não tinha estrutura para acomodar os 984 paratletas de 43 países diferentes, o

problema foi resolvido pela cidade de Heidelberg que aceitou receber os atletas em sua universidade. Os alemães não conseguiram superar os norte-americanos que se mantiveram em primeiro lugar, ficando, então, em segundo.

Em 1976, em Toronto, o atletismo se manteve em crescimento, já que estiveram presentes 621 homens e 156 mulheres. Por sinal, esta diferença significativa entre participantes do sexo masculino e feminino se repetiu por todas as edições dos jogos até os dias atuais. Até os Jogos de Toronto, as provas disputadas eram de lançamento, arremesso e de corrida em cadeira de rodas. Também iniciaram-se, de forma discreta, as corridas com prótese e saltos, mas apenas dois atletas participaram destas provas, destaque para Walter Fink da Áustria que conquistou o ouro na ocasião e também em 1980, nas provas de 100 m e 400 m (porém, as disputou sozinho). Este foi o início das disputas com próteses no lugar das pernas, atualmente são provas muito populares e Fink teve papel significativo neste percurso. Apesar da Áustria ter este destaque, ocupou apenas a 11ª colocação nos Jogos de Arnhem, na Holanda. O primeiro lugar ficou com os EUA, o segundo com o Canadá e o terceiro com a Polônia. Em 1984 os Jogos Paralímpicos ocorreram em dois países diferentes, sendo esta a única vez que isto aconteceu. Em Nova Iorque o Presidente Ronald Regan abriu oficialmente o evento que foi disputado por atletas com paralisia cerebral, deficiências visuais, amputados e outras. Em Stoke Mandeville, na Inglaterra, a abertura foi protagonizada pelo próprio Príncipe Charles. No compito geral, os EUA conquistaram 233 medalhas, mantendo-se em primeiro lugar, seguidos pela Grã Bretanha com 161 medalhas e o Canadá com 111 medalhas conquistadas.

Seul (1988) foi marcante para o movimento paralímpico. O Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Paralímpico Internacional deram os primeiros passos rumo a uma parceria que fortaleceria os Jogos. Na ocasião, oficializou-se que a mesma cidade sede teria que ser a responsável pela realização tanto dos Jogos Olímpicos quanto dos Paralímpicos. Seul superou as marcas numéricas de até então: 3.057 atletas de 61 países participaram e 971 recordes superados. Em relação ao atletismo adaptado, os EUA não foram superados, vencendo mais uma vez os Jogos, em segundo ficou o selecionado da Alemanha e em terceiro ficou a Grã Bretanha.



Timothy Sullivan com uma das medalhas de ouro conquistadas em Sydney (2000).

Disponível em:

<https://www.paralympic.org.au/>

Bart Dodson foi o nome mais citado do atletismo nas Paralimpíadas de Barcelona (1992). Dodson já tinha obtido bons resultados em 1984 e 1988, pois em ambos os eventos ele conquistou duas medalhas de ouro para os EUA. Mas em Barcelona o americano conquistou oito medalhas de ouro em provas de corridas na categoria T51. Tal feito colaborou para que os norte-americanos se mantivessem no topo do esporte, seguidos pela Espanha e Alemanha, respectivamente, em segundo e terceiro lugares. O resultado geral na modalidade se manteve nos Jogos Paralímpicos seguintes, em Atlanta (1996), alterando-se apenas o terceiro lugar, que foi ocupado pela Austrália.

Em Sydney (2000) a Austrália fez história. Após um domínio de 32 anos dos EUA, os paratletas australianos romperam esta hegemonia, conquistando o primeiro lugar geral do atletismo paralímpico. Um nome de destaque nessa façanha foi o de Timothy Sullivan, o atleta com paralisia cerebral conquistou cinco medalhas de ouro das 35 conquistadas pela Austrália neste evento.



Lixin Zhang no encerramento dos Jogos de Atenas (2004).
Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br//>>

jogos paralímpicos, atinge-se a incrível marca de 221 medalhas, número que vem mostrar que a China está se consolidando no topo do esporte mundial. Vale destacar o atleta Lixin Zhang que foi um dos grandes responsáveis pelo bom resultado em 2008, conquistando quatro medalhas de ouro na categoria T54. Zhang foi escolhido para carregar a bandeira chinesa no encerramento do evento.

Não foram apenas os chineses que se destacaram nas últimas três edições dos jogos. É importante ressaltar a espetacular carreira que uma atleta americana construiu nesse período. Tatyana McFadden da categoria T54 foi medalhista paralímpica em 2004 com apenas 15 anos de idade, quando conquistou a medalha de prata, em Pequim (2008) ganhou três medalhas de prata e uma de bronze, atingindo o seu auge em Londres (2012) quando conquistou três medalhas de ouro e uma de bronze. Tatyana é uma das paratletas mais esperadas nos Jogos do Rio de Janeiro (2016).



Tatyana McFadden no pódio com uma das medalhas de ouro conquistada em Londres (2012).
Disponível em: <paralympic.org//>

Fez história

A canadense Chantal Petitclerc é considerada a maior velocista da história do paradesporto, pois, na longa carreira, participou de cinco edições dos Jogos Paralímpicos (de 1992 a 2008), obtendo o total de 21 medalhas, sendo 14 de ouro. Com números tão expressivos, a paratleta é a recordista de medalhas conquistadas no atletismo nos Jogos Paralímpicos. Nascida em 1969, na cidade de Saint Marcs des Carrières, em Quebec, aos 13 anos de idade sofreu um acidente quando estava tentando fazer uma rampa de salto para bicicletas com uma porta de madeira, que caiu nas suas costas e a deixou paraplégica.

Iniciou no paradesporto aos 18 anos, quando conheceu o treinador Pierre Pomerleau e com apenas três meses de treinamento competiu pela primeira vez, porém não tinha a cadeira adequada para a disputa – por falta de recursos financeiros – terminando a prova na última colocação. Petitclerc era a única mulher que treinava na Universidade de Laval, mas a persistência e dedicação a levou ao topo, quando em 1988 conquistou uma vaga na equipe nacional canadense. Em 1990 representou o país nos Jogos da cidade de Commonwealth, realizados na Nova Zelândia, ganhando a medalha de prata. Já na estreia nas Paralimpíadas, em Barcelona (1992), ganhou duas medalhas de bronze nas provas de 200 m e 800 m. No Mundial em 1994, em Berlim, conquistou duas medalhas de ouro nas provas de 100 m e 200 m. Mas o seu primeiro ouro paralímpico foi em Atlanta (1996), nas provas de 100 m e 200 m, juntamente com as quebras dos recordes mundiais em ambas. Nessa mesma edição ainda obteve medalhas de prata nos 400



Chantal Petitclerc, ex-paratleta canadense com o maior número de medalhas paralímpicas do atletismo. Disponível em: <www.rio2016.com>

m, 800 m e 1.500 m. Nos Jogos de Sydney (2000), Petitclerc ganhou mais dois ouros, nos 200 m e 800 m, e duas pratas, nos 100 m e 400 m. Em Atenas obteve resultados ainda melhores: cinco medalhas de ouro, estabelecendo novo recorde mundial nos 100 m (16.33 s), também nos 400 m (51.91 s) e nos 1.500 m (3 min 26 s). Repetindo o feito na edição seguinte, em Pequim, com cinco ouros nas mesmas provas (100 m, 200 m, 400 m, 800 m e 1.500 m). Suas colocações significativas lhe renderam o Prêmio *Lou Marsh* (concedido ao melhor atleta do Canadá em 2008), em 2009 ganhou uma estrela na Calçada da Fama em Toronto, em 2010 foi introduzida no *Hall of Fame Sports* do Canadá, e em 2012 conquistou o doutorado honorário em Direito, pela

Universidade de Alberta. Atualmente foi escolhida como chefe de missão para liderar a equipe do Canadá nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (2016).

Franz Nietlispach é um paratleta nascido no dia 2 de abril de 1958, em Muri, Suíça. Aos 15 anos sofreu uma lesão medular após cair de uma árvore. Participante dos Jogos Paralímpicos de 1976 a 2008, é um dos mais vitoriosos atletas de todos os tempos. Nietlispach competiu nas Paralimpíadas em várias modalidades, como o tênis de mesa, no início da carreira, e o ciclismo, na parte final, porém a modalidade na qual conquistou maior êxito foi mesmo o atletismo, disputando tanto provas de velocidade quanto provas de fundo e meio-fundo, além da maratona. Foi, então, no atletismo que disputou oito edições das Paralimpíadas, com exceção da última, quando competiu somente no ciclismo de estrada.

O paratleta é detentor de 22 medalhas paralímpicas e 20 títulos mundiais, somando todas as modalidades. Dessas 22 medalhas paralímpicas, 14 são de ouro, 6 de prata e 2 de bronze, sendo que apenas uma medalha de bronze foi conquistada no ciclismo de estrada, enquanto as demais foram nas competições de atletismo. A primeira medalha olímpica foi conquistada nos Jogos Paralímpicos de Arnhem, na Holanda, em 1980. Em 1984, em Stoke Mandeville, Inglaterra, conquistou cinco medalhas de ouro, nas provas: 200 m, 400 m, 800 m e 1.500 m e uma de prata nos 100 m. Na edição seguinte, em Seul, na Coreia do Sul, em 1988, foi o vencedor de seis medalhas de ouro e uma de prata. Nietlispach voltou a conquistar uma medalha paralímpica em Atlanta, em 1996, quando obteve uma de ouro, uma de prata e uma de bronze. Na edição de 2000, em Sydney, conquistou as suas últimas medalhas, uma de ouro e duas de prata. A última medalha paralímpica foi justamente a primeira fora do atletismo, o bronze nas



Paralimpíadas de Atenas (2004), conquistada no ciclismo de estrada. Na última participação nas Paralimpíadas, em 2008, em Pequim – 22 anos e nove Jogos Paralímpicos depois – Franz competiu somente no ciclismo de estrada, e não conquistou nenhuma medalha, porém, o seu nome já estava gravado como um dos maiores esportistas da história.

O italiano Roberto Marson – nascido em Roma, em 1944 – participou de quatro edições dos Jogos Paralímpicos (Tóquio, 1964; Tel Aviv, 1968; Heidelberg, 1972; Toronto, 1976), obtendo 26 medalhas paralímpicas, sendo somente no atletismo: cinco de ouro, duas de prata e uma de bronze. Marson ficou paraplégico após um acidente, no qual foi derrubar um pinheiro e este caiu em suas costas. Na sua estreia nos Jogos Paralímpicos, em Tóquio, competiu em três modalidades: esgrima de cadeira de rodas, natação e atletismo. Nessa edição

Paratleta Roberto Marson.
Disponível em:
<<http://www.abilitychannel.tv/video/roberto-marson-la-leggenda-paralimpica/>>

ganhou duas medalhas de ouro e duas de prata no lançamento de disco, quebrando novo recorde mundial com a marca de 24.20 m no lançamento de dardo. Na edição seguinte, em Tel Aviv, foi considerado destaque dos Jogos por conquistar dez medalhas de ouro, dentre as quais três foram em provas de atletismo – lançamento de disco, lançamento de dardo e lançamento de vara – ganhando uma medalha de bronze no arremesso de peso. Nas edições seguintes, Marson não competiu nas provas de atletismo e se dedicou a esgrima em cadeira de rodas. Mais tarde, Marson foi nomeado presidente da *Federazione Italiana Desporto Handicappati* em 1980. Ao falecer em 2011, entrou para o *International Hall of Fame*, do IPC.

André Viger, nascido em 1952 em Windson, Ontário no Canadá, ainda pequeno, foi morar em Quebec. Após sofrer um acidente de trânsito, aos 20 anos, perdeu os movimentos das pernas. Começou no paradesporto em 1979, quando correu a maratona de Beauce, em Quebec, conquistando a primeira vitória. Durante sua carreira competiu em cinco edições dos Jogos Paralímpicos (Arnhem, 1980 a Atlanta, 1996), conquistando ao todo três medalhas de ouro, três medalhas de prata e quatro de bronze. Obteve também, recordes mundiais de distâncias (1.500 m, 5.000 m e 10.000 m), reconhecido mundialmente como campeão de maratonas. Ao se aposentar montou uma empresa de cadeira de rodas e no ano de 2006, veio a falecer de câncer.

O canadense Arnold Boldt, nascido em 1957, em Osler, Saskatchewan, no Canadá foi um grande nome do atletismo nas provas de salto. Boldt perdeu a perna direita em um acidente na fazenda, aos três anos de idade. Começou no atletismo já cedo, pois era comum nas comunidades agrícolas se desenvolver atividades para os amputados, e assim Boldt começou na escola nas aulas de educação física. Competiu pela primeira vez nas Paralimpíadas de Toronto (1976), conquistando a medalha de ouro. Em Arnhem, venceu mais uma vez a prova de salto em altura e além da medalha de ouro, quebrou o recorde paralímpico.

A paratleta dinamarquesa Connie Hansen, nasceu no dia 29 de maio de 1964, com uma lesão na medula espinal. Connie disputava as competições de atletismo, com o foco principalmente nas provas de fundo e meio fundo, além da maratona, tendo êxito nas três edições paralímpicas que disputou. Sendo a maior paratleta dinamarquesa da história do paradesporto, somando 14 medalhas paralímpicas, Connie foi introduzida no Hall da Fama Paralímpico em 2008. Após a aposentadoria, Connie desenvolveu um equipamento que auxilia àqueles que possuem alguma dificuldade motora para andar ou correr, e vem trabalhando cada vez mais no desenvolvimento e expansão deste. Porém, seus feitos como paratleta são tão ou mais impressionantes. Nos Jogos Paralímpicos de 1984, em Stoke Mandeville, na Inglaterra, Connie conquistou quatro medalhas, sendo três de prata e uma de bronze, em seis modalidades diferentes. Na edição seguinte, em Seul, na Coreia do Sul, em 1988, a dinamarquesa conseguiu o primeiro ouro olímpico, seguido de outras quatro medalhas, todas de ouro, finalizando a competição de maneira perfeita, isto é, conquistando a medalha de ouro em todas as modalidades que disputou. Em sua última participação nas Paralimpíadas, em Barcelona, em 1992, Connie Hansen participou de sete provas e se consagrou campeã em quatro, além de conquistar uma medalha de prata, cravando assim, de vez, seu nome como uma das maiores atletas paralímpicas da história.

Potência paralímpica

Quando se fala de potência olímpica no atletismo, os EUA se destacam. Os norte-americanos lideram o ranking de medalhas com superioridade absoluta: são 768 medalhas olímpicas, quase quatro vezes mais do que a segunda colocada, a antiga União Soviética com 193 medalhas. A história se assemelha nas paralimpíadas: os EUA também são a grande potência nos jogos. No início, em Roma (1960), apenas 10 países participaram, e os norte-americanos, Ron Stein e Saul Welger conquistaram três medalhas de ouro e uma de bronze no atletismo adaptado respectivamente, colocando os EUA em 4º lugar na classificação geral.



Bart Dodson com a medalha de ouro e a de prata conquistadas nos Jogos de Atlanta (1996). Disponível em: <http://www.murfreesboropost.com/>

Após essa estreia discreta, em Tóquio (1964) iniciou-se um período longo e hegemônico deste país. Nessa edição, os EUA contaram com 15 atletas que conquistaram 48 medalhas, sendo 18 de ouro. O grande destaque da competição, com seis medalhas de ouro, foi Ron Stein, que já tinha se sobressaído no evento anterior. Os norte-americanos se mantiveram no topo até Atlanta (1996), sempre com mais de dez medalhas do que o segundo colocado. Além de Ron Stein, outros grandes nomes colaboram para essa história de vitórias, entre eles, Ed Owen que conquistou quatro medalhas em Tel Aviv (1968), Walter Fink um dos precursores das corridas com prótese, Jeff Worthington que obteve seis medalhas de ouro em Seul (1988), Bart Dodson que é até os dias atuais o maior medalhista dos EUA no atletismo, já que atuando de 1984 a 1996 conquistou 13 medalhas de ouro, três de prata e quatro de bronze, totalizando 20 medalhas, número que o eleva ao terceiro lugar do ranking mundial em conquistas de medalhas do paratletismo, perdendo apenas para o suíço Franz Nietlispach que totaliza 21 medalhas olímpicas e a canadense Chantal Petetclerc, também com 21 medalhas.

Mais recentemente, a China, que vem crescendo em âmbito mundial em diversos aspectos – como, por exemplo, militar, político e econômico – também se tornou uma potência no esporte, tanto olímpico quanto paralímpico. Em Atenas (2004) os selecionados chineses surpreenderam e conquistaram 58 medalhas, 26 a mais do que a segunda colocada, a Austrália, que tinha sido campeã em Sydney (2000). Desde então, a China tem sido avassaladora, vencendo de forma significativa. Somando apenas as medalhas conquistadas em Atenas (2004),



Velocistas chinesas da classe T35-T38, medalhistas de prata em Londres (2012). Disponível em: <http://news.xinhuanet.com/>

Pequim (2008) e Londres (2012), chega-se ao incrível montante de 221 medalhas paralímpicas. No panorama geral, é certo que os EUA são a nação mais vencedora, visto que têm uma tradição no esporte, porém a China tem se mostrado uma potência emergente, e tudo indica que assim irá permanecer nos Jogos do Rio de Janeiro (2016).

De olhos neles

Arremesso

A chinesa Mi Na vem se destacando nas provas de arremesso no atletismo. Nascida no dia 7 de agosto de 1986, na província de Hebei, localizada ao norte da China, a paratleta, que compete na categoria F37, sagrou-se campeã de competições de grande renome:

2008 - Paralimpíadas de Pequim, arremesso de disco e peso.

2011 - *IPC Athletics World Championships*, arremesso de disco e dardo.

2012 - Paralimpíadas de Londres, arremesso de disco e dardo.

2013 - *IPC Athletics World Championships*, arremesso de disco e dardo.

2014 - *Asian Para Games*, arremesso de disco e peso (medalha de prata no arremesso de dardo).

2015 - *IPC Athletics World Championships*, disco e peso (medalha de prata no arremesso de dardo).

A paratleta, nascida com paralisia cerebral congênita, começou a sua vida paradesportiva no ano de 2005. Iniciou no esporte de alto rendimento após ser convidada por técnicos da seleção de seu país por ter apresentado uma boa performance em provas de paratletismo nacionais, mais especificamente nas de arremesso.

Mi Na recebeu no ano de 2008 o prêmio *Youth Medal*, sendo esse a maior honraria para os jovens atletas na China, pois, além de sagrar-se campeã em duas competições, conseguiu bater o recorde mundial da categoria logo em sua primeira tentativa na competição de arremesso de disco, sendo esta uma surpresa não apenas para os espectadores e organizadores, mas também para a própria paratleta.

"I thought about the world record before the event, but I wasn't really expecting it in my first throw."
["Eu pensava sobre o recorde mundial antes do evento, mas eu não esperava bater ele logo no meu primeiro arremesso"]

Disponível em: <www.paralympic.org>

Mi Na terá mais uma oportunidade de provar o seu talento nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro (2016), bem como prestigiar o seu país com novas conquistas nessa modalidade.

Fundo

Aniceto dos Santos, brasileiro e paratleta da classe T13, conquistou no ano de 2016, no Mundial de Maratona do Comitê Paralímpico Internacional, que ocorreu juntamente com a maratona de Londres, uma medalha de ouro, sendo esse o primeiro ano em que o fundista disputou provas paraolímpicas, após ter passado por uma classificação funcional, pois, até o ano de 2015, participava de competições juntamente com atletas sem deficiência, nas quais também conseguia bons resultados. O paratleta acabou desenvolvendo hipermetropia, tendo apenas 10% de visão no olho direito e 30% no olho esquerdo, fazendo com que tivesse a necessidade de utilizar óculos com mais de dez graus. Iniciou a prática do atletismo aos 11 anos de idade, em Ceilândia, região do Distrito Federal (Brasília), devido ao fato de um de seus vizinhos, o qual saía todo dia para correr, tê-lo desafiado, dizendo que Santos não daria conta de acompanhá-lo durante as corridas. Assim, motivado pelo desafio, iniciou a praticar essa atividade junto de seu vizinho, mesmo realizando essa primeira experiência descalço. Na época, a deficiência não o prejudicava tanto, mas com o tempo ela acabou se agravando.

O fundista articula que por correr sem óculos, devido a este ser proibido em competições, acabou torcendo os pés diversas vezes, mas que isso não foi uma barreira relevante, já que obteve excelentes resultados em maratonas. Aguarda-se, portanto, mais participações desse atleta em competições que ocorrerão durante o ano de 2016.

Velocidade

O velocista Jonnie Peacock vem sagrando-se campeão em competições de grande relevância no cenário paradesportivo mundial, como as Paralimpíadas de Londres (2012), *IPC Athletics World Championships* (2013) e *IPC Athletics European Championships* (2014), bem como o quinto lugar no ano de 2011 no *IPC Athletics World Championships*. Se destacando de uma maneira progressiva nessa modalidade na classe T44, aguarda-se, assim, a sua participação durante as Paralimpíadas do Rio de Janeiro (2016).

Peacock, nascido em Cambridge no ano de 1993, teve parte de sua perna amputada logo abaixo do joelho aos cinco anos de idade, pelo fato de ter contraído meningite. Iniciou a carreira paradesportiva após ser motivado a assistir as Paralimpíadas de Pequim (2008). A partir disso, realizou um programa de identificação de talentos promovido pela Associação Britânica Paradesportiva, assim, rapidamente, começou a participar de grandes eventos paradesportivos.

O paratleta, que virou uma inspiração para muitos jovens britânicos e espectadores dessas competições, afirma ter se envolvido completamente com o esporte adaptado. Para isso, Jonnie se comprometeu a participar de Paralimpíadas tantas vezes quanto conseguisse, com a esperança de ganhar mais medalhas e de continuar sendo uma figura de inspiração durante esse processo.

"I'm definitely one of those athletes that the bigger the event the better I perform..."
[“ Eu sou definitivamente um daqueles atletas que quanto maior o evento melhor será o meu desempenho...”]

Disponível em: <www.theguardian.com>

Salto

A paratleta francesa Marie-Amelie Le Fur vem se destacando no cenário paradesportivo, especificamente do atletismo, não apenas nas competições de salto, mas também nas de velocidade. Participando da classe T44 no salto em distância, Amelie apresenta um excepcional histórico de medalhas em provas paralímpicas:

2008 - Paralimpíadas de Pequim, provas de 100 m e salto em distância (prata, T44).

2011 - *IPC Athletics World Championships*, provas de 100 m e 200 m (ouro, T44).

2012 - Paralimpíadas de Londres, provas de 100 m (ouro, T44), 200 m (prata, T44) e salto em distância (bronze, T44 e T42).

2013 - *IPC Athletics World Championships*, provas de 100 m, 200 m (prata, T43 e T44) e salto em distância (prata, T44).

2015 - *IPC Athletics World Championships*, provas 400 m com barreira, salto em distância (ouro, T44), 100 m e 200 m (prata, T44).

Pode-se perceber o crescente interesse de Le Fur pelas provas de salto, pelo fato que competia como corredora de meia distância antes do ano de 2004, quando acabou sofrendo um acidente enquanto dirigia uma motoneta e três dias após o acidente teve que ser submetida a uma cirurgia de amputação na perna esquerda, logo abaixo do joelho. Nascida na França, Marie afirma que a sua família a ajudara muito em sua carreira paradesportiva. O apoio de seus pais foi tão intenso que até a sua irmã mais nova passou a praticar esportes e participar de competições.

No ano de 2013, foi nomeada *Knight of the Legion of Honour* na França, sendo este um título criado por Napoleão Bonaparte em reconhecimento às realizações excepcionais para o país. Assim, pode-se esperar excelentes resultados dessa francesa na defesa de seu título de campeã paralímpica nos Jogos que ocorrerão no Rio de Janeiro em 2016.

"Make of your live a dream."
[“Faça de sua vida um sonho”]
Disponível em: <www.ossur.com>

Atletismo paralímpico brasileiro – entre os 10 melhores do mundo

O Brasil estreou nos Jogos Paralímpicos em Heidelberg na Alemanha (1972), porém não conquistou medalhas, terminando a competição na 27ª colocação. Também não obteve medalhas em Toronto (1976) e em Arnheim – Holanda (1980), no total foram 23 paratletas que representaram o Brasil nestas três edições, os precursores do atletismo no país. Em 1984 o cenário político no Brasil finalmente se modificava, pois foi o ano em que ocorreu uma das maiores manifestações populares da história recente do Brasil, as chamadas “Diretas Já”, que reivindicavam eleições abertas após 20 anos de ditadura



Adria Rocha dos Santos, ouro em Atenas (2004).
Disponível em: <esporte.uol.com.br>

civil/militar. Neste mesmo ano, em Stoke Mandeville e Nova Iorque, o Brasil fez história também no esporte paralímpico: 27 atletas representaram o país e 21 medalhas foram conquistadas, sendo seis de ouro. A partir de então o Brasil obteve grandes conquistas no atletismo paralímpico, tornando-se uma das três maiores modalidades do país tendo como parâmetro os resultados. O primeiro grande atleta brasileiro no atletismo foi Luiz Cláudio Pereira. Ele foi o responsável pelas primeiras medalhas de ouro do Brasil. Pereira venceu as provas de arremesso de peso e lançamento de dardo, além de conquistar duas medalhas de prata, uma no lançamento de disco e outra no pentatlo. O paratleta repetiu o feito em Seul (1988), conquistando três medalhas de ouro e uma de prata. Em Barcelona (1992) o atleta encerrou a carreira, obtendo uma medalha de ouro no arremesso de peso. Luiz Cláudio Pereira foi um exemplo para todos os atletas que vieram depois dele. No mesmo período no qual iniciou a carreira, também surgiu Adria Rocha Santos, a qual se tornaria a brasileira com maior número de medalhas paralímpicas do país. Entre os anos de 1988 e 2008 Adria – que é especialista nas provas de velocidade 100 m, 200 m e 400 m – conquistou 15 medalhas nas categorias para deficientes visuais.

Esses atletas veteranos deixaram um grande legado para a nova geração do atletismo nacional, pois as suas histórias são inspiradoras. Em Sydney (2008) os chineses dominaram a competição, conquistando 77 medalhas em diversas categorias. O Brasil conquistou 15 medalhas, porém para os parâmetros nacionais, esta foi uma ótima Paralimpíada: o país subiu da 15ª colocação para a 10ª no ranking geral. Isso mostra que a nova leva de atletas brasileiros está fazendo um trabalho intenso e memorável. Neste período mais recente da seleção brasileira de atletismo, um dos nomes em destaque é o de Terezinha Guilhermina. A paratleta já conquistou nove medalhas paralímpicas, sendo três ouros, uma em Pequim (2008) e duas em Londres (2012) nas provas de velocidade 100 m, 200 m e 400 m para deficientes visuais. Já entre os homens, a grande promessa para as Paralimpíadas do Rio de Janeiro (2016) é Alan Fonteles. O atleta ficou conhecido após chocar o mundo do atletismo ao vencer o renomado representante sul-africano, Oscar Pistorius, em Londres (2012), na final dos 200 m rasos. Pistorius era considerado o melhor do mundo e detentor do recorde mundial nos 200 m, com o tempo de 21.52 s. Alan superou, inclusive, a essa marca, concluindo a prova em 21.45 s, tornando-se, assim, o número um do ranking mundial. Tal resultado colaborou para a melhor colocação do Brasil no atletismo, a sétima. Hoje Alan Fonteles e Terezinha Guilhermina são os grandes destaques brasileiros para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.

Nosso destaque



Oscar Pistorius cumprimentando Alan Fonteles após a corrida de 200 m em Londres (2012). Disponível em: <<http://www.zimbio.com/>>

O velocista Alan Fonteles Cardoso de Oliveira é, na atualidade, a grande celebridade do atletismo paralímpico mundial na classe T43. O paraense, nascido na cidade de Marabá, no ano de 1992, enfrentou sérios problemas de saúde ainda com poucos dias de vida. Sem recursos financeiros e ainda muito jovens, os seus pais saíram da cidade à procura de atendimento médico. Fonteles recebeu o diagnóstico de infecção intestinal já no estado mais grave de septicemia (ruptura do intestino, com contaminação do sangue) e a amputação das duas pernas foi a melhor solução. Aos sete meses de idade recebeu o acompanhamento de dois estudantes de medicina, que trabalhavam com alguns exercícios fisioterápicos. Com o controle dos movimentos corporais, passou a utilizar próteses de madeira e aos oito anos de idade começou a praticar atletismo na pista da Universidade Federal do Pará.



Alan Fonteles, ouro na Paralimpíadas de Londres, 2012. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br>>

de revezamento 4x100 m. Em 2012 se superou ao ultrapassar seu ídolo, agora adversário, o sul-africano Oscar Pistorius – recordista mundial das três distâncias: 100 m, 200 m e 400 m. Fonteles se tornou campeão paralímpico e recordista mundial nas provas de 100 m e 200 m. Em 2013, conquistou o Mundial de Lyon, também nos 100 m e 200 m e conseguiu seu melhor tempo na prova de 400 m (48.58 s), quebrando o recorde de Pistorius. Seu desempenho estava melhor do que o esperado, porém, no ano de 2014, o velocista resolveu dar uma pausa na carreira, voltando a competir somente em 2015. Nesse ano conquistou o ouro nos 200 m e a prata nos 100 m no Parapan-Americano em Toronto. Nos Jogos do Rio de Janeiro disputará as provas de revezamento (4x100 m) e individuais (100 m, 200 m e 400 m).



Terezinha Guilhermina e seu guia Guilherme Santana, medalhista de ouro em Londres (2012). Disponível em: <<http://revistasentidos.uol.com.br>>

oportunidades, pois, mesmo completando os estudos escolares e fazendo um curso técnico, não conseguia um emprego. Descobriu o atletismo aos 22 anos, encontrando a sua verdadeira vocação. A primeira competição que participou foi o Circuito Geraldo Profeta da Luz, em Belo Horizonte, obtendo a segunda colocação e a premiação de oitenta reais. A partir desse episódio, percebeu que poderia mudar de vida por meio do esporte. Competia na classe T12, mas passou para a T11, com a ajuda de um guia, Guilherme Santana. Em 2004 estreou nas Paralimpíadas de Atenas, conquistando a medalha de bronze. Na edição seguinte, apresentou melhor desempenho conquistando três medalhas em Pequim, uma de ouro nos 200 m, uma de prata na prova dos 100 m, e a outra de bronze nos 400 m. Mas foi em 2012 que conquistou o título tão desejado, pois, além de ganhar duas medalhas de ouro, uma nos 100 m e a outra nos 200 m, Terezinha quebrou o recorde paralímpico na prova dos 200 m com um tempo de 24.82 s. A paratleta, que no começo da carreira não tinha nem sequer um par de tênis para treinar, conquistou o mais alto nível do atletismo adaptado, mostrando a sua admirável perseverança. Nesse mesmo ano foi eleita a Atleta Paralímpica do Ano, prêmio concebido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Sua conquista recente foi o Mundial de Atletismo, em Lyon, na França, no qual ganhou três medalhas de ouro nas provas dos 100 m,

Neste período, Suzete Montalvão – famosa no estado por ser a única corredora paraense a participar das Olimpíadas, em 1988, se classificando em quarto lugar – ficou impressionada com a história do menino e tornou-se a sua treinadora. Em 2006, Alan ganhou a primeira prótese específica para correr, e no ano seguinte conquistou as primeiras medalhas em um campeonato internacional nos EUA, nas provas de 100 m, 200 m e bronze nos 400 m. Fonteles estreou nas Paralimpíadas em Pequim (2008), ganhando a prata na prova

de revezamento 4x100 m. Em 2012 se superou ao ultrapassar seu ídolo, agora adversário, o sul-africano Oscar Pistorius – recordista mundial das três distâncias: 100 m, 200 m e 400 m. Fonteles se tornou campeão paralímpico e recordista mundial nas provas de 100 m e 200 m. Em 2013, conquistou o Mundial de Lyon, também nos 100 m e 200 m e conseguiu seu melhor tempo na prova de 400 m (48.58 s), quebrando o recorde de Pistorius. Seu desempenho estava melhor do que o esperado, porém, no ano de 2014, o velocista resolveu dar uma pausa na carreira, voltando a competir somente em 2015. Nesse ano conquistou o ouro nos 200 m e a prata nos 100 m no Parapan-Americano em Toronto. Nos Jogos do Rio de Janeiro disputará as provas de revezamento (4x100 m) e individuais (100 m, 200 m e 400 m).

Terezinha Aparecida Guilhermina é atualmente o destaque brasileiro feminino no paradesporto. A velocista nasceu no dia 3 de outubro de 1978, na cidade mineira de Betim. Como os seus pais, Terezinha de Jesus e Pedro Guilhermino, eram primos, cinco dos 11 filhos deste casal nasceram com uma deficiência incurável, a retinose pigmentar. Terezinha só tinha percepção da luz e, por isso, ela e os outros quatro irmãos com a mesma deficiência, não sabiam que eram cegos. Descoberta a doença somente aos treze anos, passou a enfrentar a vida com poucos recursos e poucas

oportunidades, pois, mesmo completando os estudos escolares e fazendo um curso técnico, não conseguia um emprego. Descobriu o atletismo aos 22 anos, encontrando a sua verdadeira vocação. A primeira competição que participou foi o Circuito Geraldo Profeta da Luz, em Belo Horizonte, obtendo a segunda colocação e a premiação de oitenta reais. A partir desse episódio, percebeu que poderia mudar de vida por meio do esporte. Competia na classe T12, mas passou para a T11, com a ajuda de um guia, Guilherme Santana. Em 2004 estreou nas Paralimpíadas de Atenas, conquistando a medalha de bronze. Na edição seguinte, apresentou melhor desempenho conquistando três medalhas em Pequim, uma de ouro nos 200 m, uma de prata na prova dos 100 m, e a outra de bronze nos 400 m. Mas foi em 2012 que conquistou o título tão desejado, pois, além de ganhar duas medalhas de ouro, uma nos 100 m e a outra nos 200 m, Terezinha quebrou o recorde paralímpico na prova dos 200 m com um tempo de 24.82 s. A paratleta, que no começo da carreira não tinha nem sequer um par de tênis para treinar, conquistou o mais alto nível do atletismo adaptado, mostrando a sua admirável perseverança. Nesse mesmo ano foi eleita a Atleta Paralímpica do Ano, prêmio concebido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Sua conquista recente foi o Mundial de Atletismo, em Lyon, na França, no qual ganhou três medalhas de ouro nas provas dos 100 m,

200 m e 400 m. A velocista intensifica os treinos visando os Jogos do Rio de Janeiro, pois almeja mais uma medalha de ouro.



Roseane Ferreira dos Santos, medalhista de bronze no Parapan-Americano de Toronto (2015). Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>

Roseane Ferreira dos Santos, pernambucana nascida em Recife em 1971, mais conhecida como “Rosinha”, deixou de ser empregada doméstica para se tornar campeã paralímpica e recordista mundial no arremesso de peso e no lançamento de disco na Classe F58. Aos dezoito anos de idade foi vítima de um atropelamento por um caminhão, perdendo a perna direita. Apesar das dificuldades que já enfrentava na vida, não se abateu, pois tinha que ajudar sua mãe e seus irmãos financeiramente.

O técnico Francisco Raimundo Matias da Associação dos Deficientes Motores de Pernambuco (ADM-PE) conheceu Rosinha e a convenceu a ingressar no paradesporto, em 1997. Rosinha não tinha muita escolha, já que nunca teve tempo para os estudos e essa alternativa parecia uma boa maneira de conseguir aumentar um pouco a renda familiar. Demonstrado um talento inato, pois tinha predisposição física, já na sua primeira participação em competições, no Campeonato Aberto de Recife, ganhou a disputa. Em seguida participou do Parapan-Americano na Cidade do México, em 1999, ganhando ouro no arremesso de peso e lançamento de disco, com a obtenção de um recorde mundial. Garantida a vaga nas Paralimpíadas de Sydney (2000), sagrou-se campeã nas mesmas provas e alcançou novamente o recorde mundial. Porém, na edição seguinte, apesar de bons resultados não obteve nenhuma medalha. Em 2007, no Parapan-Americano do Rio de Janeiro, foi ouro nas provas de peso, disco e dardo; só que nas Paralimpíadas de Pequim também não conseguiu obter medalhas. O ano mais difícil da paratleta foi o de 2014, quando descobriu um câncer na garganta e teve que interromper a carreira. Mas mostrando força e determinação, superou a doença e fundou a Associação Atlética Rosinha dos Santos, que dá suporte a jovens paratletas. Uma semana antes dos Jogos Parapan-Americanos de Toronto (2015), foi convocada para participar do evento e conquistou uma medalha de bronze. Rosinha também almeja a participação nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016.

Jonathan de Souza Santos, o Romarinho, é um paratleta brasileiro de arremesso de peso e lançamento de disco que possui este apelido devido às semelhanças físicas com o ex-atleta brasileiro de futebol. Nascido em Maceió, no dia 19 de março de 1990, Romarinho tem nanismo, condição que não influenciou no seu gosto em praticar esportes. Além de jogar futebol com os amigos, o paratleta praticou o skate por três anos e o surfe por nove anos, antes de um técnico lhe sugerir o atletismo. Romarinho, que já competiu em dois Jogos Paralímpicos e três Mundiais, disputava as competições na categoria F40 até 2012, quando passou a competir na categoria F41, a qual permanece até hoje. Ele tem como resultados mais expressivos na carreira o quinto lugar nos Jogos Paralímpicos de Pequim, em 2008, na modalidade de arremesso de peso; o sétimo lugar nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012 na modalidade de arremesso de peso e a medalha de bronze no lançamento de disco, na mesma competição; o segundo lugar no lançamento de disco e o quarto lugar no arremesso de peso, no mundial de Christchurch, na Nova Zelândia, em 2011; o segundo lugar no arremesso de peso e o primeiro lugar no lançamento de disco no mundial de Lyon, na França, em 2013; e seu resultado mais recente, o terceiro lugar no arremesso de peso no mundial de Doha, no Catar, em 2015.



Jonathan de Souza Santos medalhista de ouro no Aberto de Atletismo Paralímpico, na Nova Zelândia. Disponível em: <colunas.gazetaweb.globo.com>

Tendo em vista os grandes resultados conquistados, Romarinho desponta como um dos candidatos à medalha nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.



Silvania Costa de Oliveira, ouro nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto (2015). Disponível em: <www.facebook.com/silvania.costadoliveira>

Silvania Costa de Oliveira, paratleta de salto em distância, nasceu na cidade mineira de Três Lagoas no ano de 1988. Ela começou a se interessar pelo atletismo aos 11 anos e, embora participasse de pequenas competições e se sagra-se campeã em várias delas, o esporte ainda não tinha grande importância em sua vida. A partir dos 12 anos, Silvania começou a perder gradativamente a visão devido à doença de Stargardt (caracterizada por afetar as células fotorreceptoras da mácula). Com a perda da visão, Silvania começou a se dedicar mais seriamente ao atletismo em 2011, cumprindo uma rotina de treinamento que acarretou em mais vitórias e no convite do Comitê Paraolímpico do Brasil (CPB), para permanecer com a equipe nacional. Atualmente treina em Ribeirão Preto/SP sob o

comando do técnico Amaury Wagner Verissimo. Sob seu comando tornou-se um dos maiores destaques mundiais do paradesporto, conquistando resultados expressivos, como o sexto lugar no salto em distância T12, no Mundial de Atletismo Paralímpico de Lyon, na França, em 2013; o primeiro lugar no salto em distância T11, no Mundial de Atletismo Paralímpico de Doha, no Catar, em 2015; no mesmo ano ganhou o ouro nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto. Sagrando-se recordista brasileira e das Américas na modalidade, foi eleita pela CPB como a Melhor Atleta Paralímpica de 2015 na categoria feminina. Tendo em vista a sua ascensão e os ótimos resultados conquistados nos últimos anos, Silvania, que diz valer “mais a lágrima de uma derrota, do que a vergonha de não lutar pela vitória” – <http://www.radiocacula.com.br/> – tem como meta pessoal conquistar três ouros e quebrar o recorde mundial nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016.

Flavio Reitz é um paratleta brasileiro que compete na modalidade do salto em altura. O paranaense nascido em Francisco Beltrão, no dia 11 de outubro de 1986, reside na cidade catarinense de Itajaí, desde 2009, à convite do Clube Roda Solta e da Fundação Municipal de Esportes, onde treina atualmente. Em 2002, aos 16 anos, descobriu um câncer ósseo no fêmur da perna direita e, como os tratamentos não surtiram os resultados esperados, teve que realizar a amputação deste membro. Em 2008, começou a se interessar pelo paradesporto e iniciou as atividades com o handebol em cadeira de rodas, praticando também o basquete em cadeira de rodas, o tênis de mesa em cadeira de rodas e o paraciclismo, no qual chegou a competir nacionalmente. No atletismo passou ainda pelas provas de lançamentos antes de uma professora lhe indicar o salto em altura e se interessar pela modalidade. Assim, apenas em 2011 começou a treinar o salto em altura e, pouco mais de um ano depois, Flavio conquistou um dos resultados mais expressivos de sua carreira. Competindo na categoria F42, ele conquistou o quinto lugar nos Jogos Paralímpicos de Londres (2012). Com o foco maior nos treinamentos e com o objetivo de conquistar uma medalha nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, Flavio obteve expressivos resultados no ano 2015, como a medalha de prata nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto e a sétima colocação no Mundial de Doha – ambos na categoria T42 – fato que o credenciou como um dos destaques da modalidade e faz com que a expectativa de conquista de uma medalha nos próximos Jogos Paralímpicos se concretize.



Paratleta Flavio Reitz, em pleno salto. Disponível em: <www.rodsantiago.com.br>

Odair dos Santos é um paratleta brasileiro de 34 anos, nascido no dia 17 de maio de 1981, em Osvaldo Cruz (São Paulo), que participa de provas de atletismo de fundo e meio fundo. Odair começou a perder a visão a partir dos 9 anos, devido a uma doença congênita e hereditária, conhecida como retinose pigmentar, responsável por causar a degeneração da retina. Quando participou dos Jogos Paralímpicos de Atenas (2004) e Pequim (2008), dos Santos ainda possuía parte da visão e disputava as provas pela categoria T12, porém, em 2010 ele perdeu totalmente a visão e passou a disputar as provas pela categoria T11.



Odair dos Santos medalhista de ouro no 1.500m, nas Paralimpíadas de Londres. Disponível em: <www.ahebrasil.com.br>

A paixão pelo atletismo começou com o incentivo de um tio e continuou na escola, quando um professor de Educação Física o convidou para uma gincana e ele acabou se destacando. Durante a infância e início da adolescência participou de provas de fundo e meio fundo, então, mais tarde, aos 22 anos, resolveu se dedicar ao atletismo de modo profissional. Para poder ter melhores condições de treinamento, mudou-se com a família para Limeira (São Paulo), onde reside até hoje/. Lá também começou a frequentar uma escola de braile, onde teve o primeiro contato com o professor Fábio Breda, fundamental para seu desenvolvimento pessoal, e a treinar com o professor José Carlos da Silva, o Fumaça. Atualmente está sob os cuidados do técnico Amaury Wagner Verissimo. Odair é reconhecido mundialmente no paradesporto devido ao notório desempenho e as significativas conquistas, pois, apesar da troca de categoria no meio da carreira e a consequente adaptação, superou as adversidades e continuou competindo de forma exímia. Prova disso são os expressivos resultados obtidos em diferentes momentos da carreira, como os listados abaixo: na classe T13, ganhou prata nos 1.500 m e também a prata nos 5.000 m e o bronze nos 800 m nas Paralimpíadas de Atenas (2004); na classe T12 ganhou ouro nas provas (800 m, 1.500 m, 5.000 m) nos Jogos Parapan-Americanos de Mar Del Plata (2003); ; em 2006 ganhou o Mundial da Holanda na prova dos 1.500 m, quebrando o recorde mundial (3 min 50 s), e também a prata nos 800 m e o bronze no revezamento. Em 2007, foi ouro Parapan-Americano do Rio de Janeiro nas provas 1.500 m, 5.000 m e 10.000 m; em 2008, nas Paralimpíadas de Pequim, ganhou bronze nos 800 m e 5.000 m 10.000 m. Compete atualmente na classe T11 e suas recentes conquistas no ano de 2015 foram o ouro na prova de 1.500 m, no Mundial no Catar e a mesma conquista nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto. Nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (2016), Odair vai competir na categoria T11 nas provas de 1.500 m e 5.000 m – a sua maior esperança de conquistar o ouro. A sua trajetória e últimas conquistas o credenciam como um dos destaques e favoritos à conquista de medalhas em ambas as provas.

Para saber mais

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DESPORTOS PARA DEFICIENTES

<<http://www.ande.org.br/atletismo/>>

ASSOCIAÇÃO DE PAIS, AMIGOS E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, DE FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL E DA COMUNIDADE

<<http://www.apabb.org.br/>>

ATLETISMOAPARU

<<https://atletismoaparu.wordpress.com/2011/09/16/historia-do-atletismo-adaptado/>>

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION

<<http://paralympics.org.uk/paralympicsports/athletics>>

BLOG DO EDMAR FERREIRA

<<https://blogdoedmarferreira.blogspot.com.br/2016/01/limeirense-odair-dos-santos-sonha-com.html>>

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO

<<http://www.cpb.org.br/>>

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO

<<http://www.cbat.org.br/acbat/historico.asp>>

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS

<<http://cbdv.org.br/pagina/atletismo>>

IPC ATHLETICS

<<https://www.paralympic.org/athletics#>>

MINISTÉRIO DO ESPORTE

<<http://www.esporte.gov.br/>>

MELLO, M.C.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

TEAM USA

<<http://www.teamusa.org/para-nordic-skiing/athletes/tatyana-mcfadden>>

TRAVINHA ESPORTES

<<http://www.travinha.com.br/outros-esportes-oficiais/78-atletismo/140-atletismo-a-origem>>

ZIMBIO

<<http://www.zimbio.com/>>